



Linhas cruzadas: a geografia política e a geopolítica no século XX no Google Ngram Viewer e o debate no Brasil

Licio Caetano do Rego Monteiro

Dois bons motivos para recontar uma velha história

É preciso um bom motivo para escrever sobre tema tantas vezes explorado, como é o caso da distinção entre geografia política e geopolítica. Aqui se apresentam pelo menos dois motivos. O primeiro, de ordem metodológica, é a disponibilidade de uma ferramenta bibliométrica inédita que permite analisar a trajetória dos dois termos ao longo de uma série temporal ampla e em diferentes idiomas, oferecida pelo Google Ngram Viewer. O segundo, relacionado ao campo acadêmico-disciplinar, é o balanço contemporâneo que a geografia política brasileira deve fazer em relação à tradição geopolítica que tantos desafios trouxe ao pensamento geográfico ao longo do século XX.

Este artigo se desdobra, pois, em duas partes. De início, utilizamos a ferramenta do Google Ngram Viewer para situar a trajetória dos termos “geografia política” e “geopolítica” ao longo do século XX, em quatro línguas: alemão, francês, inglês e castelhano, localizando no período de cem anos os momentos-chave de aumento

e diminuição do uso de cada um dos termos e as diferenças na trajetória em cada língua. Na segunda parte, esse cenário internacional servirá para analisar o desenvolvimento das distinções e aproximações entre geografia política e geopolítica no Brasil dentro do mesmo espectro temporal. Diante da ausência da língua portuguesa na base do Google Ngram Viewer, a hipóteses sobre trajetória dos termos em nosso idioma resultam de uma análise qualitativa, baseada numa vasta revisão bibliográfica do campo.

Esse mesmo tema tem sido objeto de trabalhos anteriores (REGO MONTEIRO, 2013, 2014), que se somam a uma consistente bibliografia sobre o campo da geografia política e da geopolítica brasileira (COSTA, 1991; MIYAMOTO, 1995; VLACH, 2003; COSTA; THÉRY, 2012; KAROL, 2013; NOVAES, 2015). Aqui retomamos alguns argumentos e retificamos outros à luz de novas fontes e metodologias, bem como avançamos especificamente sobre o caso brasileiro. As “linhas cruzadas” presentes no título remetem ao artigo “Linhas cruzadas no resgate da geopolítica pós-anos 1970” (REGO MONTEIRO, 2013) no qual elaborei minha primeira abordagem sobre o tema. Na ocasião, afirmava que era “essa interação entre

Como citar este artigo:

MONTEIRO, Licio Caetano Rego. “Linhas cruzadas: a geografia política e a geopolítica no século XX no Google Ngram Viewer e o debate no Brasil”. In: RÜCKERT, A. A.; SILVA, A. C. P. da; SILVA, G. de V. (Orgs.). *Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: integração sul-americana e regiões periféricas*. Porto Alegre: Editora Letra1, 2018, p. 96-113 DOI 10.21507/9788563800367-06

os campos ideológicos e ambientes acadêmicos distintos, com apropriações do aparentemente mais distante e bloqueios do mais próximo que chamamos de *linha cruzada*". Já em 2014, as linhas cruzadas aparecem como "pontos cegos" e "atalhos escondidos", sendo os pontos cegos "situações em que posições teóricas se desenvolvem de modo mais ou menos simultâneo sem que uma faça qualquer referência à outra" e atalhos escondidos "conexões improváveis entre autores aparentemente distantes" (REGO MONTEIRO, 2014, p. 34). Ambas as situações aparecem de modo bastante curioso no resgate da geopolítica nos anos 1970.

Abordagens como a de Sanguin (2016) identificam questões similares. Ao mapear a produção internacional da geografia política, Sanguin sinaliza que "a compartimentação linguística, a hegemonia intelectual anglo-estadunidense e a confusão mental com a geopolítica" (p.44) seriam os principais problemas enfrentados pelos estudos de geografia política desde os anos 1990. Embora a compartimentação linguística possa ser um fator responsável pelos "pontos cegos", a ideia de "atalhos escondidos" evidencia uma certa seletividade na compartimentação - como na apropriação de Foucault pela *critical geopolitics* - e até mesmo conexões que não passam exclusivamente pelos fluxos acadêmicos formais - como é o caso da influência de Kissinger na política externa americana ou das produções midiáticas que traziam leituras geopolíticas inovadoras sobre os conflitos no final da Guerra Fria, como registra Lacoste (2012). Quanto à hegemonia anglo-estadunidense, se ela pode ser válida para a geografia política produzida na maioria dos países, não é o caso do que ocorre no Brasil, onde a geografia política e a geopolítica permanecem bastante ancoradas numa influência francesa. Por fim, a confusão mental com a Geopolítica não chega a ser um problema real para aqueles que veem na interação entre os dois campos uma possibilidade profícua de renovação mútua.

As proposições aqui expostas buscam ensaiar um caminho de análise sobre a maneira como o

debate sobre geografia política e geopolítica toma forma em diferentes lugares e tempos. Conforme Livingstone (2003, pp.11-12), a migração de ideias não é a mesma coisa que sua replicação, é preciso levar em conta a maneira como a recepção das ideias está situada no tempo e no espaço. É um debate sobre as "ideias fora e no lugar" (MACHADO, 2000), que pode ser apropriado para entender a especificidade do Brasil dentro da discussão sobre a geopolítica e suas críticas.

Os termos geografia política e geopolítica não são sinônimos nem surgem juntos. Geografia política é certamente mais antigo, o primeiro registro de destaque é encontrado num texto de Jacques Turgot de 1751. Apesar da longevidade, só vem a ganhar fundamentos como disciplina com a contribuição decisiva de Friedrich Ratzel, que publica *Politische Geographie* em 1897. Geopolítica não demora muito a surgir, pela obra do sueco Rudolf Kjellen, em 1899. As duas criações novecentistas, no entanto, atingiram seu ápice no século XX. Daí a pertinência de situarmos nosso recorte temporal no período entre 1900 e 2000.

A presente análise foge de duas atitudes muito comuns quando se trata de geografia política e geopolítica. Uma é a de tomar os dois termos como sinônimos, atitude mais comum nos meios não-acadêmicos onde não se demoram nas delimitações conceituais precisas. Outra, no extremo oposto, é a de considerar uma diferença essencial entre os dois termos, que servisse para delimitar campos epistemológicos bem definidos e mutuamente excludentes.

Ora, como podem ser sinônimos dois termos que, como veremos, possuem trajetórias tão distintas? E, por outro lado, como podem guardar uma diferença de essência se, vias de regra, grande parte dos principais autores do campo ampliado circularam entre os dois mundos, habitando fronteiras entre teoria e prática, ambições científicas transcendentais e interesses mundanos, espaço nacional e internacional, cátedra universitária e conselhos de governo - para ficar em algumas das clivagens mais comuns na diferenciação entre geografia política e geopolítica?

Entre a sinonímia coloquial e a diferença ontológica, procuramos situar os processos de diferenciação ocorridos ao longo de um período em que os termos em questão ganham densidade, camadas e sentidos que não permitem abordá-los como mera repetição do significado adquirido no ato fundador original do termo, nem tampouco projetar no passado das ideias os significados e usos do presente.

Mas não é só a variação temporal dos termos que deixa suas armadilhas. Aqui também o conhecimento tem seu lugar no espaço político. A abrangência variável da circulação de ideias definida pelo idioma de publicação sugere que as diferenciações são menos essenciais do que estratégicas ou mesmo oportunistas. Poderíamos dizer, de forma jocosa, que *toda geopolítica é geopolítica* - considerando o primeiro termo como substantivo, o campo do conhecimento que é a geopolítica, e o segundo como adjetivo, considerando o conteúdo e a intencionalidade geopolíticos que constituem o próprio conhecimento. Os processos de diferenciação entre geografia política e geopolítica, que tiveram lugares e períodos próprios, bem como se propagaram no tempo e no espaço através da circulação das ideias, consideram, pois, os termos, um em relação ao outro, como *posições*, epistemológicas e políticas, dentro de um jogo mais amplo que se refere tanto à construção e à legitimidade do conhecimento quanto às disputas de poder no mundo.

Parte I: Cruzando as linhas no gráfico do Google Ngram Viewer

O Google Ngram Viewer utiliza como base de dados o Google Books, varrendo todos os livros digitalizados nessa base. O maior acervo certamente está em língua inglesa. O Google Books possui livros em inúmeras línguas, no entanto somente algumas estão disponíveis para a pesquisa no Ngram Viewer. Esta ferramenta permite medir o percentual da incidência de uma palavra no total de palavras da base de livros publicados em um determinado ano (considerando apenas os digitalizados no Google Books). O resultado, por

palavra, é sempre um percentual baixíssimo. Pouca serventia tem a verificação de um percentual num único ano. O que a ferramenta permite explorar é a variação do uso de um termo num dado período. Com isso é possível inferir, por exemplo, quando um conceito ou autor passou a ser usado ou caiu em desuso.

Ao comparar a trajetória de dois termos na base do Ngram Viewer é necessário atentar para a ordem de grandeza das incidências de cada termo na base. Certamente a palavra “life” se repetirá muito mais vezes do que a palavra “geopolitics”, de modo que um gráfico comparativo entre os dois termos gerado com o mesmo denominador resultaria numa linha horizontal para a palavra “geopolitics” bem próxima ao eixo horizontal do gráfico, com variações imperceptíveis. Não é o caso da comparação entre os termos “political geography” e “geopolitics”, que em todas as bases idiomáticas analisadas permite uma visualização dentro da mesma ordem de grandeza.

Quanto maior a base digitalizada, mais acurada a medição tende a ficar, pois vai se tornando menos suscetível a ocasionais seletividades na digitalização dos livros que poderiam enviesar o resultado. Independentemente do tamanho do acervo, é importante salientar que o universo dos livros digitalizados não subsume o universo total das publicações numa dada língua, que por sua vez não subsume o universo total da circulação das ideias nesta língua, uma vez que o livro publicado não é a única forma de registro existente. No entanto, a maior ou menor incidência de uma palavra dentro dessa base de registros pode funcionar muito bem como um índice da circulação daquela palavra no âmbito cultural ou acadêmico de uma determinada língua ou país.

Politische Geographie, Geopolitik

Sobre os alemães há muito mais a dizer sobre as primeiras décadas do século XX do que sobre as últimas. O sueco Rudolf Kjellen, em 1899, lançou o termo *Geopolitik*, cuja repercussão maior só viria a partir de 1917. *Politische Geographie*, por sua vez, já era um termo usado e conhecido ao longo do

Linhas cruzadas: a geografia política e a geopolítica no século XX no Google Ngram Viewer e o debate no Brasil

século XIX, ganhando um impulso considerável em sua última década, especialmente com a publicação do livro de Ratzel sobre o tema, lançada em 1897.

Apesar de conhecida, alguma polêmica reside tanto na datação quanto na paternidade da origem da geopolítica, uma confusão que se dá em torno de coisas e palavras. Raffestin, Lopreno e Pasteur (1995) registram que a tradução de Ratzel para o francês por François Ewald, em 1988, erroneamente substituiu em certo trecho o adjetivo *politisch-geographisch* por *géopolitique*, gerando uma potencial confusão sobre a paternidade do uso do termo. A data de difusão do termo em alemão seria 1917, ano em que *Der Staat als Lebensform* (1916), de Kjellen, foi traduzido para o alemão. Além disso, a adoção de Ratzel como precursor da geopolítica, mesmo que este nunca tenha utilizado o termo, pode ser vista como uma tentativa de atenuar a ausência de fundamentos científicos da geopolítica, capturando os estudos da geografia política de Ratzel para um campo que originalmente lhe seria alheio. Raffestin, Lopreno e Pasteur (1995) criticaram essa apropriação de Ratzel pelos geopolíticos franceses ligados à Hérodote nos anos 1980.

É somente em 1920 que surge a primeira grande onda do uso do termo *Geopolitik*, acompanhada de

uma pequena onda no termo *Politische Geographie*. Entre 1920 e 1935, a *Geopolitik* conhece um crescimento vertiginoso, ao que se sucede uma grande queda. O principal nome associado a essa onda é o do general Karl Haushofer, editor da famosa Revista de Geopolítica (*Zeitschrift für Geopolitik*), publicada entre 1924 e 1944.

O fato mais curioso trazido à tona pelas linhas do Ngram Viewer é que o descenso da *Geopolitik* alemã ocorreu uma década antes do fim da guerra, logo após o pico em 1935 (ver Gráfico 1). O imaginário dominante sobre a geopolítica no período nazista costuma associá-la ao expansionismo militar alemão que originou a II Guerra Mundial. No entanto, a principal linha de defesa de Haushofer para negar essa influência direta na guerra foi justamente a alegação de que nos anos anteriores ao início do conflito e durante o mesmo pouca atenção foi dada às ideias de Haushofer e a seu grupo. Em que pese o conteúdo expansionista preconizado nos tempos áureos da *Geopolitik* de Haushofer, a geopolítica nazista aplicada se distanciou dos rumos estratégicos delineados pelo general geopolítico.

Duas revisões históricas complementares ganham força a partir dos anos 1980 em relação a essa polêmica. A primeira é a reabilitação de

Gráfico 1. Incidência dos termos *Politische Geographie* e *Geopolitik* na base do Google Books em alemão.



Haushofer, que se assentou em parte nas diferenças entre Haushofer e governo nazista da segunda metade dos anos 1930 até a morte do general alemão. O livro de Michael Korinman (1990) teria sido o principal artífice desse “empreendimento de sutil reabilitação de Haushofer”, nas palavras de Raffestin, Lopreno e Pasteur (1995).

A segunda é a crítica ao superdimensionamento de Haushofer como “filósofo por trás de Hitler” nos Estados Unidos na II Guerra Mundial. (Ó TUATHAIL, 1995). A representação norte-americana da geopolítica alemã dos anos 1930 e 1940 se difundiu em livros, artigos, revistas e até na tela do cinema. Ó Tuathail explora a “qualidade ilógica e exagerada das muitas narrativas sobre a geopolítica alemã no discurso norte-americano” (1995, p.114), diferenciando a narrativa mais popular e aquela direcionada ao público mais especializado. Todas as referências dos autores norte-americanos citados por Ó Tuathail se circunscrevem ao período entre 1938 e 1943, coincidindo com a guinada do uso do termo geopolitics em inglês. No mesmo período, no entanto, ao contrário do que se difundia na narrativa norte-americana, já estavam em declínio a geopolítica alemã e o próprio Haushofer, que se suicidou na Alemanha em 1946.

O descenso da *geopolitik* alemã pós-1935, evidenciado no gráfico do *Ngram Viewer*, tenderia a desfazer a ideia de que Haushofer tenha sido responsável direto pela estratégia alemã que desembocou na II Guerra Mundial, enfraquecendo ao mesmo tempo sua poderosa imagem explorada nos Estados Unidos antes e durante sua entrada na guerra. Sobre a reabilitação de Haushofer, o gráfico sugere que a geopolítica pode ter sido bastante relevante para a ascensão de Hitler, mas perde abruptamente seu impacto uma vez que os nazistas estão no poder. O pensamento geopolítico associado a Haushofer não poderia, então, ser considerado como uma das causas imediatas do desencadeamento da II Guerra Mundial, embora possa ser situado como causas distantes ou mediatas.

Enquanto a história da primeira onda de geopolítica na Alemanha é fartamente relatada

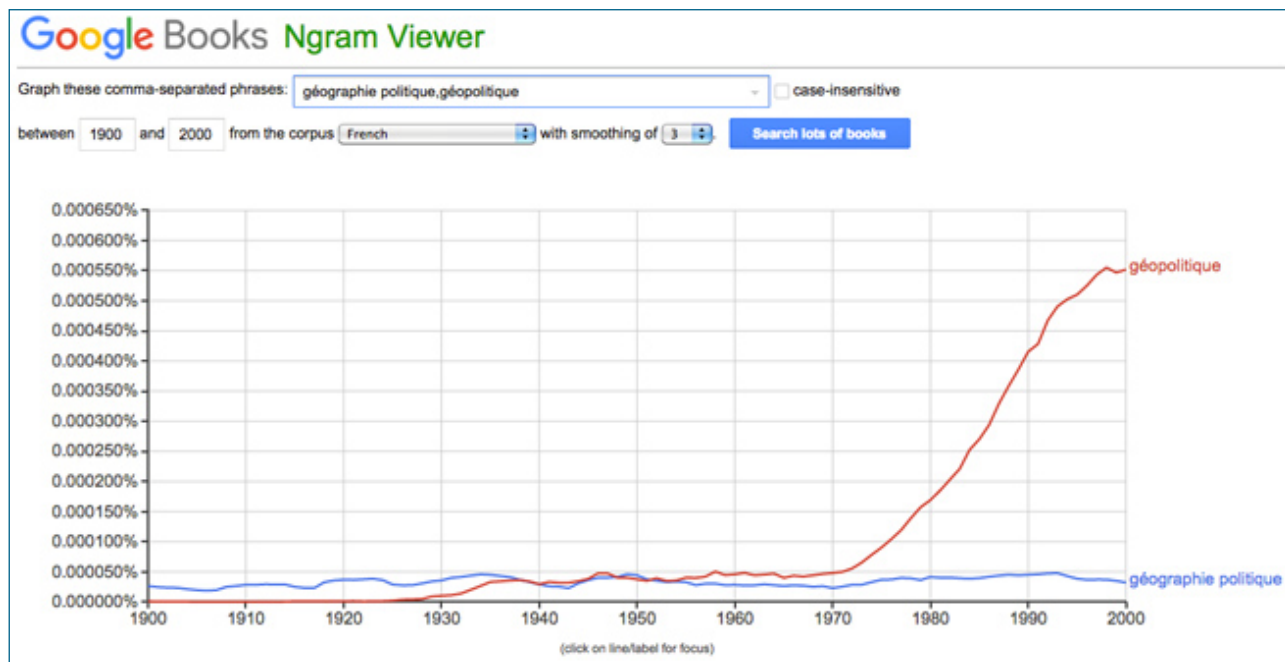
em qualquer manual, o desconhecimento da bibliografia de geopolítica e geografia política em alemão após a II Guerra Mundial dificulta a interpretação sobre as ondas subsequentes. A Revista de Geopolítica, interrompida em 1944, retomou suas atividades entre 1951 e 1968, podendo então ter sido responsável pelo suave *revival* da *Geopolitik* nessas décadas, como indica o gráfico. O *revival* menor ainda pós anos 1970 pode estar aí já relacionado às tendências verificadas na geografia anglófona e francófona. Meus limites em relação à língua alemã impedem qualquer abordagem direta às publicações originais não traduzidas nem comentadas por autores em outras línguas. Cabe aqui, no entanto, o registro de André-Louis Sanguin (2016) sobre a baixa produção alemã na área de geografia política nas últimas décadas, citando alguns poucos esforços de autores como Ossenbrügge, Tietze e Reuber nos anos 1990, a publicação de dois manuais publicados por Paul Reuber em 2001 e 2006 e um recente livro sobre a geografia política da Europa, de Reuber, Strüver e Volkertsdorfer (2012), que segundo Sanguin, definitivamente superaria “o tabu intelectual do qual a Geografia Política alemã era vítima” (2016, p. 23).

Géographie Politique, Géopolitique

O gráfico em francês (Gráfico 2) apresenta um primeiro fato de destaque na baixíssima incidência do termo *géopolitique* antes da II Guerra Mundial. Dada a rivalidade radical entre franceses e alemães entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, a palavra *géopolitique* ficou praticamente impronunciável e permaneceu interdita na produção editorial francesa. Houve um acréscimo significativo na década de 1930, período em que a geografia política também ganha destaque. Entre 1930 e 1970 a geopolítica se mantém mais ou menos no mesmo patamar, e só dispara na década de 1970. Até 1950, o termo original em alemão *Geopolitik* ainda era mais comum nos textos em francês do que sua tradução para o francês *géopolitique*, o que evidencia essa relação desconfortável com a palavra. Nos textos em

Linhas cruzadas: a geografia política e a geopolítica no século XX no Google Ngram Viewer e o debate no Brasil

Gráfico 2. Incidência dos termos *géographie politique* e *géopolitique* na base do Google Books em francês.



inglês, por exemplo, essa passagem para a versão traduzida da palavra já se dá no final da década de 1930.

A polêmica no caso da geografia política e da geopolítica na língua francesa é sua relação mal resolvida com os alemães. A versão da geografia francesa *tipo exportação* buscou relegar a geografia política alemã ao segundo plano. Mesmo geógrafos explicitamente políticos como Camille Vallaux (1911), precisavam demarcar suas diferenças teóricas em relação a Ratzel, a quem dizia diferir no método e na inspiração, afirmando que o alemão não era nem objetivo nem livre da preocupação com o momento presente, e que era preciso separar a geografia política do “jornalismo” de Ratzel. Outros, como Lucien Febvre, explicitavam uma má vontade francesa em relação tanto à geografia política quanto à geografia alemã, ao desaconselhar qualquer abordagem política da geografia, afirmando que era “o solo, não o Estado” o que deveria interessar ao geógrafo (LOROT, 1995, p. 53) ou no enquadramento dos alemães como deterministas. (FEBVRE, 1922). Já no momento posterior ao crescimento da *Geopolitik*, Demangeon (1932) foi um dos primeiros a expressar seu desacordo com a geopolítica alemã,

considerada como “um desvio não-científico na evolução da geografia política”. (COSTA, 1991, p. 221).

O termo “*géographie politique*” aparece pela primeira vez em francês no século XVIII, com a publicação de Jacques Turgot (1750). Durante o século XIX ocorre uma difusão no âmbito da geografia, mas só no século XX ganha contornos mais definidos. O grande crescimento da curva da geopolítica dificulta observar as variações da curva da geografia política, mas é possível notar um aumento entre 1970 e 1990. Embora geopolítica e geografia política se misturem na geografia acadêmica francófona, autores como Raffestin, Lopreno e Pasteur (1995) permanecem com uma visão bastante reticente em relação à geopolítica, mantendo a distância reivindicada pela geografia francesa anterior à II Guerra.

O impulso da geopolítica francesa pós anos 1970 foi capturado por geógrafos como Yves Lacoste, que rompem com um certo mal-estar na adesão ao termo nos meios acadêmicos. Apesar de o lançamento da revista *Hérodote*, marco dessa virada no âmbito da geografia francesa, ter ocorrido em 1976, a difusão do termo ocorre nesse momento primeiramente fora da geografia

e da academia. É o próprio Lacoste (2012) quem retrospectivamente registra o ano de 1979 como o momento em que ele tem seu interesse atiçado pelo uso do termo difundido pela imprensa. E somente em 1982 a revista *Hérodote* passa a incluir como subtítulo “revue de géographie et géopolitique”. Nessa trajetória recente da emergência e da disseminação da geopolítica na França, Lacoste possui uma participação relevante. Mesmo sem poder ser considerado o impulsionador do movimento de difusão da *géopolitique*, certamente contribuiu para vencer as barreiras acadêmicas no uso do termo ao escolher adotar o maldito termo na academia.

Também aqui uma polêmica relacionada à disputa sobre o passado ganha destaque com Lacoste. Em seu livro de 1976, Lacoste constrói uma imagem de um Vidal de la Blache avesso à geografia política, que teria influenciado a academia francesa a negligenciar a dimensão política da geografia e assumir uma postura anódina em relação às questões do poder. Esse pensamento é contrabalançado pelo próprio Lacoste ao redescobrir o livro *La France de L'Est*, de Vidal de La Blache e fazer uma breve autocrítica numa nova edição do livro em 1982¹. A “redescoberta” de um La Blache político enseja, no entanto, outro mito, o de que este tenha sido a única e tardia incursão de La Blache no âmbito político. Essa hipótese tem sido refutada por diversos autores (SANGUIN, 1988; PEREIRA, 2012), que afirmam a diversidade de abordagens geográfico-políticas de La Blache ao longo de sua trajetória acadêmica, o que não corresponde nem à primeira nem à segunda imagens construídas por Lacoste.

Quanto à geografia política na França, ela teve importantes aportes na primeira metade do século XX, com Jacques Ancel e André Siegfried, mas permaneceu como um termo pouco usado, como bem afirma Rosière (2007). A renovação teórica da geografia na França, cujo marco, segundo Rosière, seria o lançamento da revista *L'Espace*

Géographique, em 1971, traz uma aproximação da geografia com a política. No entanto, essa aproximação não ensejou o fortalecimento de um campo próprio da geografia política.

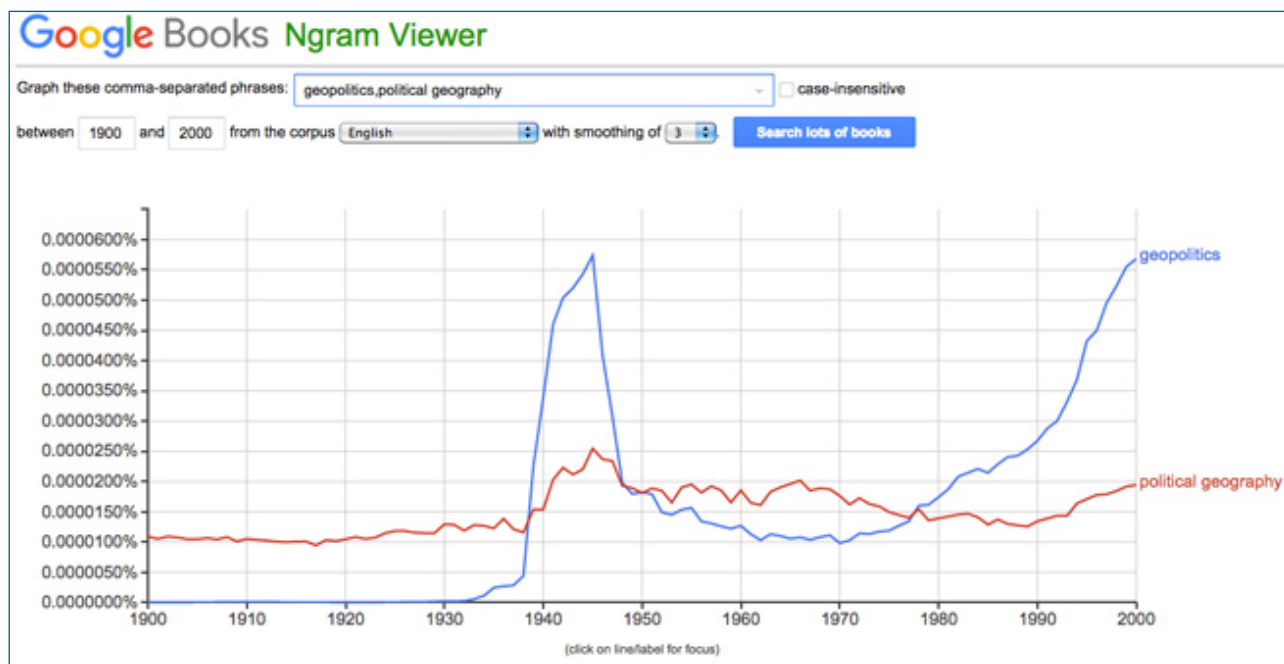
Em busca de uma síntese possível entre a retomada da geopolítica pós-anos 1970 e a renovação teórica da geografia francesa, Rosière chama atenção para a confluência de alguns fatores que alimentariam a busca de uma nova abordagem contemporânea da geografia política francesa: a influência da geografia política e da geopolítica anglo-saxônica e suas revoluções epistemológicas mais recentes, a renovação teórica na geografia, ocasionando uma mutação de vocabulário, preocupações e conceitos que afetam também o estudo do político e o interesse do grande público pela geopolítica. (ROSIÈRE, 2007). A revista *L'Espace Politique*, criada em 2007, traz em seu bojo o desafio de confluir os interesses recíprocos entre geografia política e geopolítica. O balanço de uma década de publicações da revista traz uma avaliação de que esse intento tem sido bem-sucedido. (ROSIÈRE, 2017).

Political Geography, Geopolitics

O gráfico em inglês (Gráfico 3) apresenta as trajetórias mais impressionantes. A variação da geopolítica se inicia nos anos 1930, uma década depois do início da mesma curva em língua alemã, numa ascensão vertiginosa até 1945, quando logo se segue uma queda também acentuada. Os anos 1930 e 1940 foram também prolíficos para a *political geography* americana, superando seu patamar médio, com as contribuições de autores como Isaiah Bowman, Richard Hartshorne e Derwent Whittlesey. A diferença de picos entre a *Geopolitik* – por volta de 1935 – e a *geopolitics* – em 1945 – permite discutir a hipótese de que houve uma diferença entre o peso da *Geopolitik* na Alemanha às vésperas do início da II Guerra e a maneira como sua importância foi superestimada nos EUA. Nunca se falou tanto em geopolítica nos EUA quanto nos EUA em 1945, pico de uma ascensão acelerada desde o início da II Guerra. O silêncio posterior pode sugerir uma má consciência

¹ A publicação em português, de 1988, já traz o capítulo “Concepções mais ou menos amplas da geograficidade. Um outro Vidal de La Blache”, no qual Lacoste deixa registrada sua retificação.

Gráfico 3. Incidência dos termos *political geography* e *geopolitics* na base do Google Books em inglês.



em relação ao uso do conhecimento geográfico na guerra.

A base de dados em inglês é a única que permite desmembrar o inglês britânico e americano. A diferença não é relevante para o período anterior a 1970, a partir de quando se percebe que a retomada no gráfico das obras em inglês americano se inicia nos 1970 enquanto no inglês britânico a retomada é mais acentuada nos anos 1980, sugerindo uma antecedência dos americanos em relação aos britânicos. Já o crescimento da geopolítica nos anos 1990 no inglês britânico é maior do que no americano.

A retomada da geopolítica no mundo anglófono se inicia nos anos 1970. São duas vertentes de retomada: a primeira uma vertente conservadora e neoclássica, nos anos 1970 e 1980, e uma segunda trazida pela *critical geopolitics* nos anos 1990. O efeito combinado de ambas as vertentes resulta no boom dos anos 1990.

Na primeira vertente, o destaque pode ser dado às conexões entre a popularização do termo geopolítica e a retomada do termo no discurso político de Henry Kissinger ao longo da década de 1970 e em suas memórias sobre os anos passados na Casa Branca, publicadas em 1979. (HEPPLE, 1985, p.25). A combinação entre a produção

acadêmica de Kissinger e a política externa norte-americana sob sua influência, que buscou configurar o tabuleiro global da Guerra Fria em termos mais multipolares, ganhou repercussões em diversas partes do mundo.

Kissinger retomou o uso do termo geopolítica ainda na década de 1970, exercendo influência em outras partes do mundo. O sentido dado por Kissinger ao termo, no entanto, era um pouco diferente do usual: “geopolítica” era uma forma específica de doutrina do equilíbrio de poder no mundo bipolar (HEPPLE, 1986, p. S26), no qual os EUA deveriam ter uma “geopolítica”, uma estratégia global. Esse viés indica uma possível continuidade entre a visão de Kissinger e a geopolítica legada por Spykman, em suas publicações da década de 1940.

Apesar de pouco afeito ao ambiente acadêmico da geografia no período posterior à II Guerra Mundial, diversas premissas teóricas da geopolítica e seus efeitos para a estratégia nacional dos Estados permaneceram vigentes em outros campos acadêmicos e político-institucionais, com a chamada “alta geopolítica” (O’LOUGHLIN, 2000), a “geopolítica conservadora contemporânea”, como as de Samuel Huntington e Thomas Barnett e a “geopolítica neoclássica”,

caracterizada especificamente pela inserção de abordagens atuais dentro da tradição geopolítica de Mackinder, Haushofer e Spykman. (MEGORAN, 2010, p.187-189)

Na segunda vertente, a *critical geopolitics* se apropria do termo geopolítica num enfoque oposto ao da geopolítica vinculada às formulações ideológicas da política externa norte-americana. Esse movimento detonado por geógrafos de língua inglesa nos anos 1980 e 1990 apresenta uma visão crítica em relação ao compromisso estatal da geopolítica clássica, reconhecendo a possibilidade de uso político dos conhecimentos geográficos por outros atores além do Estado. Nos anos 1990, é lançada de forma programática a *critical geopolitics* (Ó TUATHAIL 1996; Ó TUATHAIL; DALBY, 1998) e a revista *Geopolitics* (1998).

Geografia Política, Geopolítica

A trajetória dos termos em castelhano expressa os contextos espanhol e latino-americano. A simultaneidade de regimes autoritários tanto na Espanha quanto na América Latina entre os anos 1930 e meados dos anos 1970 traz uma característica que aproxima as geopolíticas em castelhano dos dois lados do Atlântico.

Diferentemente dos demais gráficos analisados, a curva ascendente da geopolítica em idioma castelhano se inicia em meados dos anos 1930 e continua crescendo de forma ininterrupta nos anos da II Guerra Mundial, perdendo fôlego somente nos anos 1950 para retomar logo nos anos 1960 até os anos 1980, quando então começa a diminuir. Nesse sentido, existe um descompasso bastante marcado em relação à geopolítica nas demais línguas. A primeira ascensão teve como marco a chegada de Franco ao poder na Espanha e a permanência do regime ditatorial mesmo após a II Guerra Mundial. O efeito da queda dos alemães não foi decisivo para a redução do interesse pela geopolítica. O novo impulso da geopolítica posterior aos anos 1960 advém da difusão do pensamento geopolítico dos países de língua espanhola na América Latina.

A geografia política espanhola surge no início do século XX com influências francesa e alemã. A influência ratzeliana se fez sentir em autores como Gonzalo de Reparaz, Emili Huguet del Villar e Leonardo Martín Echevarría, que advogavam a necessidade de expansão territorial espanhola, enquanto outros autores como Eloy Bullón e Armando Mélon esposavam mais a influência da geografia regional francesa. (RAFFESTIN; LOPRENO; PASTEUR, 1995, p. 217; FONT; RUFÍ, 2006, p. 84). A ascensão do franquismo, em 1936, coloca em relevo a assimilação da *Geopolitik* pelas instâncias oficiais e militares e marca o início da curva ascendente da geopolítica em língua castelhana. Por outro lado, na academia prevalecia o viés crítico dos geógrafos que se opunham à geopolítica, e que encontraram seus espaços de circulação de ideias no Instituto Juan Sebastián Elcano, em 1939, e na revista *Estudios Geográficos*, onde Armando Mélon detratava de forma contundente a geopolítica alemã. (FONT; RUFÍ, 2006, p. 86).

Entre os dois polos opostos, a Espanha viu surgir uma contribuição relativamente original com o historiador Jaume Vicens Vives (FONT; RUFÍ, 2006, p. 86), que escreve suas principais obras sobre geopolítica em 1940 e 1951. Apesar da clara adesão a alguns pressupostos da geopolítica alemã em seu escrito de 1940 - único citado por Raffestin, Lopreno e Pasteur (1995, pp. 232-237) -, Vicens Vives apresenta posteriormente, em 1951, críticas à catástrofe da geopolítica alemã (FONT; RUFÍ, p. 87). A interpretação de Font e Rufí (2006) é, pois, mais condescendente com Vicens Vives do que a de Raffestin, Lopreno e Pasteur (1995), ressaltando as influências posteriores do geopolítico espanhol e o fato de que ele havia sofrido represálias do franquismo. (FONT; RUFÍ 2006, p. 88). Após esse primeiro momento de interesse pela geopolítica nos anos 1940, a geopolítica na Espanha passa a se circunscrever aos círculos militares, enquanto a geografia política terá bem pouco desenvolvimento até os anos 1980, quando passa a receber a influência das renovações teóricas provenientes da França e do mundo anglófono. (FONT; RUFÍ, 2006, p. 89).

Linhas cruzadas: a geografia política e a geopolítica no século XX no Google Ngram Viewer e o debate no Brasil

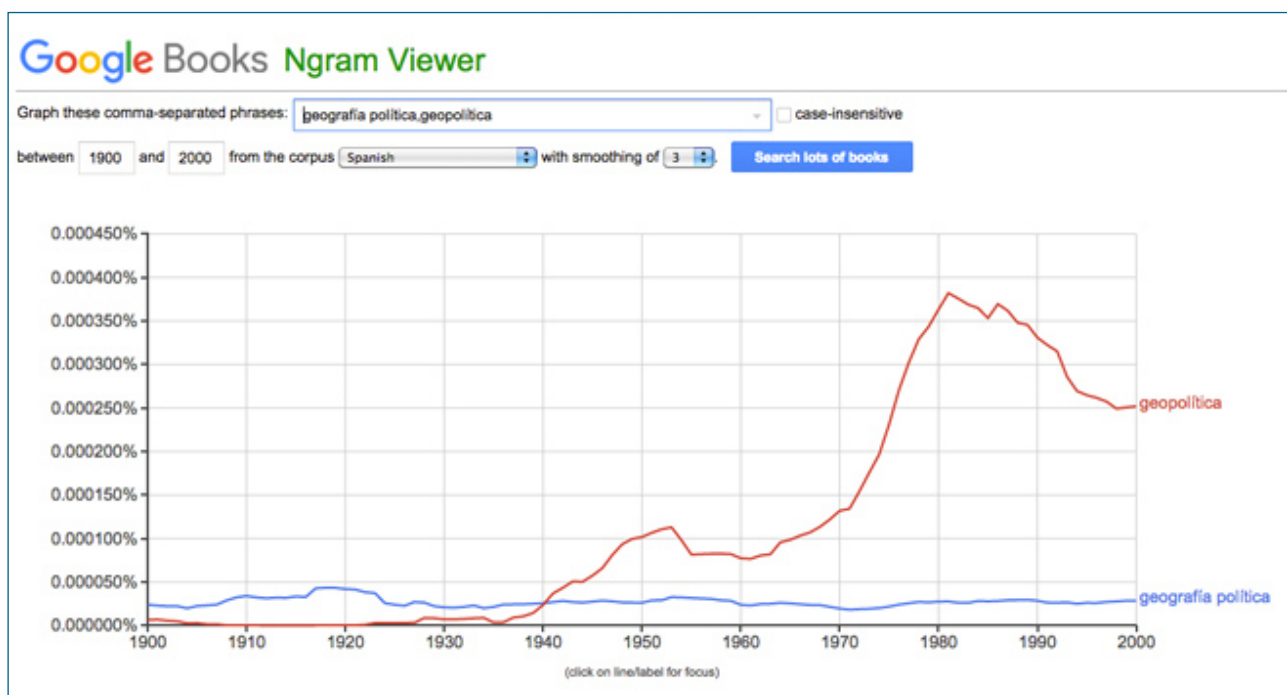
Na América Latina, particularmente na América do Sul, a geopolítica ganhou corpo entre os anos 1950 e 1970 na esteira do pensamento nacionalista que se conjuga às elaborações políticas dos militares que assumem o poder em diversos países. Philip Kelly (1997) faz um inventário de dezesseis autores sul-americanos, incluindo três brasileiros, que representavam o “pensamento geopolítico contemporâneo”. Sem retomar nomes das décadas de 1930 e 1940, podemos notar que oito dos dezesseis nomes listados são militares, alguns deles diretamente envolvidos nas ditaduras militares instauradas nas décadas de 1960 e 1970, como Golbery do Couto e Silva, no Brasil e Augusto Pinochet, no Chile. Além de militares há ainda jornalistas, diplomatas, historiadores e juristas. A geopolítica se constituiu como um corpo teórico e doutrinário nas escolas militares na América do Sul, mas também em institutos civis - como o Instituto Uruguayo de Estudios Geopolíticos, o Instituto Paraguayo de Estudios Geopolíticos e Internacionales e o Instituto Peruano de Estudios Geopolíticos y Estratégicos -, nas universidades e nas revistas militares e acadêmicas.

O descompasso da geopolítica em línguas portuguesa e castelhana em relação à geopolítica

em línguas alemã, francesa e inglesa fica bastante evidente nos anos 1980. O estreito vínculo entre a geopolítica e o pensamento autoritário e conservador foi a principal causa do declínio do uso do termo geopolítica no mundo hispânico a partir dos anos 1980, como bem demonstra o gráfico. Essa tendência prevaleceu inclusive sobre uma possível difusão das geopolíticas críticas de origem francesa e anglófona. Hepple (1986, p.222), por exemplo, destaca em sua narrativa o declínio e a retomada da geopolítica, centrada na geopolítica na América do Norte e na Europa, destacando que a mesma trajetória não se aplicava à América do Sul.

A revisão crítica ocorrida após a redemocratização buscou se distanciar da antiga tradição geopolítica dos militares, tanto entre espanhóis e hispano-americanos quanto entre os brasileiros, como veremos a seguir. O elevado patamar em que ainda se situa o termo geopolítica demonstra que, apesar de inflacionado nos anos 1970 e 1980, o uso do termo ainda se encontra em voga. No anos 1990 e 2000, a despeito da permanência da geopolítica tradicional em certos círculos militares nacionalistas, a geopolítica agrega outros conteúdos e significados para além daqueles estabelecidos pelo pensamento autoritário das décadas anteriores,

Gráfico 4. Incidência dos termos *geografía política* e *geopolítica* na base do Google Books em castelhano.



como se nota na revista espanhola *Geopolítica(s)*, dirigida por Heriberto Cairo Carou, que, vindo de fora da geografia, trouxe importante renovação no âmbito da geografia política espanhola, juntamente com outros autores que emergem neste campo de estudos a partir dos anos 1990, como Lopez Trigal, Benito del Pozo, J. Bosque Maurel, J. Eugeni Sanchez e Burgueno Rivero, citados em Sanguin (2016). Já na América Latina, a geopolítica é reapropriada num viés crítico nas formulações decoloniais fora da geografia, como as da mexicana Ana Esther Ceceña, com o Observatório Latinoamericano de Geopolítica, na ideia de “geopolítica del conocimiento” (MIGNOLO, 2001) e até em recente trabalho de Álvaro García Linera, vice-presidente da Bolívia, sobre “geopolítica de la Amazonía”. (2013).

Parte II: Simulando as linhas cruzadas na geopolítica e na geografia política brasileiras

Apesar de não existir o recurso do *Google Ngram Viewer* para a língua portuguesa, a proposta deste artigo é inferir uma possível linha para a geopolítica e a geografia política brasileiras, em face das linhas verificadas nos demais países, sem considerar a produção bibliográfica dos portugueses.

Comparado aos gráficos anteriores, o mais provável é que o gráfico em português se assemelhe ao gráfico em espanhol. Não tanto pela afinidade da língua que poderia levar a uma maior circulação de ideias, mas também pela temporalidade similar de regimes políticos que se apropriaram do discurso geopolítico no mundo ibérico e latino-americano no período em que a geopolítica em espanhol apresenta crescimento (décadas de 1940, 1960 e 1970). Nos anos 1940 a geopolítica brasileira acompanha o crescimento do uso do termo ocorrido na Espanha, enquanto os anos 1960, mas principalmente a partir de 1970, a geopolítica brasileira de viés conservador ganha a companhia das diversas geopolíticas que se difundem na América do Sul.

No Brasil, os estudos de geopolítica surgem precocemente ainda nas décadas de 1920 e 1930, com Everardo Backheuser (1926) e Mário

Travassos (1931). Apesar do pioneirismo de Backheuser, alguns autores destacam Travassos como precursor da geopolítica no Brasil pela maior influência de seu trabalho. (VLACH, 2003; COSTA; THÉRY, 2012). Myamoto, por sua vez, considera Backheuser o primeiro a dar impulso à geopolítica brasileira, mas traz à tona o pouco conhecido Elyseo de Carvalho como precursor, com um trabalho de 1921 no qual antecipa um raciocínio geopolítico que só viria a ser amadurecido na década seguinte. Sobre os precursores, há ainda a figura de Delgado de Carvalho. Segundo Miyamoto, (1995, p.57) Delgado de Carvalho não traz inovações quaisquer e se assemelha muito ao que já havia sido feito por Backheuser, tendo sua relevância mais na geografia propriamente dita do que na geopolítica. Zusman e Pereira concordam com Myamoto em relação à influência de Backheuser em Delgado, mas chamam atenção para o fato de que Backheuser era para Delgado mais um contraponto do que uma fonte. Afirmam ainda a influência da geografia de Delgado de Carvalho em Mário Travassos e Francisco de Paula Cidade. (ZUSMAN; PEREIRA, 2000).

Nos anos 1940, o interesse pela geopolítica se intensifica com publicações nos âmbitos militares, diplomáticos e acadêmicos, com o surgimento dos primeiros cursos de geopolítica no Instituto Rio Branco, no Instituto Cultural Brasileiro, no Instituto de Direito da PUC-RJ e até mesmo a criação de um Instituto Brasileiro de Geopolítica em 1949, que perdura até 1961. (MIYAMOTO, 1981, p. 79-81). O ano de 1949 marca também a criação da Escola Superior de Guerra, que passa a ser o principal centro de produção da geopolítica brasileira nas décadas de 1950, 1960 e 1970, marcando também a inclinação doutrinária do pensamento geopolítico brasileiro no âmbito da Guerra Fria e dos princípios da Doutrina de Segurança Nacional.

Como já apontado na análise anterior sobre a geopolítica em castelhano, a diferença das trajetórias brasileira e de língua castelhana em relação às demais trajetórias da geopolítica (em inglês, francês e alemão) fica acentuada no período logo após a II Guerra Mundial, quando a geopolítica

já estava politicamente interdita na Alemanha e em franco declínio nos EUA (na França, nem mesmo chegara a ganhar relevo), enquanto em castelhano e português ela se manteve em alta. A explicação para esse desencaixe reside na permanência das bases teóricas da geopolítica clássica, apropriadas pelos autores brasileiros desde a década de 1930 que se mantiveram vigentes no período posterior à II Guerra Mundial, em autores como Carlos de Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva, expoentes da chamada “escola geopolítica brasileira”. (VLACH, 2003; FREITAS, 2004). A geopolítica tradicional anterior à II Guerra foi assimilada dentro dos círculos militares e instrumentalizada para a elaboração de estratégias de controle político interno e de projeção internacional do Estado brasileiro, com especial contribuição da ESG (VLACH, 2003), e grande repercussão no período da ditadura militar (1964-1985). Esse conjunto de indícios sugere que a trajetória da geopolítica brasileira entre os anos 1930 e 1970 seguiu uma linha ascendente similar à verificada no gráfico da geopolítica em castelhano.

Apesar de não ter ocorrido uma crítica à geopolítica que tenha resultado numa interdição similar aos casos alemão, francês e anglo-americano, a adesão à geopolítica no Brasil não se deu de forma unívoca. Podemos destacar o surgimento de uma controvérsia entre diferentes filiações da geopolítica brasileira. É o que evidencia André Novaes (2015) ao chamar atenção para a maneira como Meira Mattos reforça sua filiação à geopolítica de origem francesa e norte-americana, encontrando em Mário Travassos a principal referência dessa tradição, enquanto refutava a geopolítica de Haushofer como “perversa distorção da geopolítica”. (MEIRA MATTOS, 1990, p. 23). Por outro lado, Everardo Backheuser, que havia publicado um artigo em 1926 na revista de Haushofer, ficou associado à suspeita influência alemã e a uma “explícita posição antifrancófila” (COSTA, 1991, p.188), que é reafirmada por ele mesmo em 1952, ao valorizar o acesso direto às fontes germânicas: “Backheuser questiona diretamente os “escritores franceses e ianques”,

que não aprenderam a geopolítica “em primeira mão”, nas “fontes originárias” (...) e lamenta o que chama de um “estigma hitlerista” sobre a palavra geopolítica”. (NOVAES, 2015).

Miyamoto (1995, pgs. 67-68) registra a maneira como o Brasil não passou incólume em relação à desconfiança da geopolítica. Autores como Backheuser, Delgado de Carvalho e Raja Gabaglia sofreram críticas por suas publicações em palestras sobre geopolítica, as entidades que os publicavam e abrigavam palestras tinham receio de serem acusadas de germanófilas.

Essa dupla influência, alemã e francesa, nos autores geopolíticos brasileiros transpõe para a geopolítica brasileira a controversa oposição entre escolas determinista alemã e possibilista francesa na geografia. Essa transposição é bastante questionável, pois se a associação entre Ratzel, determinismo e escola geopolítica alemã pode ainda ter alguma razão de existir, devido à influência ratzeliana na geopolítica alemã do início do século XX, a contrapartida que associa Vidal de la Blache, possibilismo e uma suposta escola geopolítica francesa, repetida por Meira Mattos (1975; 1990) e, com menor ênfase, por Golbery do Couto e Silva (1952), chegando até autores contemporâneos da ESG, como Mafrá (2002), é incongruente uma vez que não existia o que se autodenominasse como geopolítica francesa na primeira metade do século XX.

Outro motivo que torna problemática essa oposição entre escolas alemã e francesa na geopolítica brasileira é o fato de haver mais combinações de influências do que filiações exclusivas. É o que sugere André Novaes (2015) a partir da análise das imagens publicadas nos livros de Backheuser e Meira Mattos. A combinação de influências na elaboração teórica dos autores acaba sendo mais importante do que a adesão estreita a uma “escola geopolítica”. No entanto, a suspeição da influência alemã foi instrumentalizada no discurso geopolítico militar brasileiro para diferenciar a “boa” e a “má” geopolítica, estratégia adotada tanto por Backheuser nos anos 1940 e 1950 quanto por Meira Mattos em décadas posteriores.

Se essa separação da “boa” geopolítica serviu para sustentar sua permanência no Brasil após a II Guerra Mundial, o mesmo efeito não se mostrou com a redemocratização dos anos 1980. A associação entre pensamento geopolítico e autoritarismo cobrou seu preço a partir de diversas críticas que se lançaram diretamente contra a versão tradicional da geopolítica brasileira que se coadunou com a doutrina de segurança nacional. Um livro pioneiro nesse sentido é o de Nelson Werneck Sodré, *Introdução à Geografia*, lançado em 1976, que qualifica a geopolítica como “a Geografia do fascismo” (1976, p. 54). Essa linha de argumentação ecoa na geografia acadêmica, mesmo sem referência explícita, como nos livros de Manuel Correia de Andrade (1989) e de Wanderley Messias da Costa (1991), mas também fora da Geografia, em abordagens como a de Miyamoto (1981) e Cavagnari Filho (1987). Na década de 1980, coexistiam no âmbito acadêmico brasileiro e, particularmente, na geografia, diferentes posições sobre o legado da geopolítica.

O caso do livro de Wanderley Messias da Costa, *Geografia Política e Geopolítica* (1991), se destaca por ser este o principal livro sobre o tema na geografia brasileira. O autor indica, logo na introdução do livro, que “não são poucos os autores que preferem passar ao largo” das contradições relacionadas à distinção entre os dois campos, que essa discussão “não deixa de ser, de certo modo, estéril ou até mesmo inútil” e que “as indistinções são predominantes”, sendo fundamental o resgate das “contribuições no que está auto-rotulado tanto de geografia política como de geopolítica” (COSTA, 1991, pp.18-19). No entanto, ao longo do livro, é possível notar uma distinção entre geografia política e geopolítica, baseada na concepção de que somente a geografia política possuía um estatuto científico definido e válido, enquanto a geopolítica era uma pseudociência, relegada a seu viés ideológico, “antes de tudo um subproduto e um reducionismo técnico e pragmático da geografia política”, “um empobrecimento teórico” em relação aos principais autores da geografia política (COSTA, 1991, p.55). No contexto de redemocratização brasileira e do

questionamento das fundamentações ideológicas do regime militar, muitas vezes expressa através de discursos geopolíticos, Wanderley M. da Costa optou por negar o uso da geopolítica como rótulo para qualificar as pesquisas de geografia política². Segundo Wanderley M. da Costa, o pensamento geopolítico brasileiro,

apesar de pouco original e criativo, teve grande influência na vida política nacional e nos projetos relacionados às questões territoriais durante boa parte da República. Como muitos analistas já apontaram, a diminuição dessa influência coincide com a retomada das iniciativas políticas pela sociedade civil e com o retorno do país ao chamado Estado de Direito, o que demonstra a estreita vinculação dessa geopolítica com o pensamento conservador e autoritário predominante em nossa história política. (COSTA 1991, p. 217).

Costa fundamenta seu posicionamento recorrendo a diversos geógrafos que reforçaram essa oposição entre geografia política e geopolítica. Para se contrapor à geopolítica, na ocasião associada aos militares, a opção de Costa foi recorrer às contraposições à geopolítica já consolidadas no período anterior à retomada dos anos 1970, trazendo a argumentação de autores como Demangeon (1932), Ancel (1936), Bowman (1942), Whittlesey (1942), Hartshorne (1950), Gottmann (1952) e Pounds (1963), uma vez que não encontrou argumentos nem na geopolítica de Lacoste, cujo uso do termo geopolítica era considerado inapropriado e estranho (COSTA, 1991, p.245), nem na geopolítica crítica anglófona, ainda incipiente³.

Os trabalhos posteriores de Wanderley Messias da Costa indicam uma aproximação maior à geopolítica, de certa forma confirmando a perspectiva não-dicotômica da introdução do livro. Alguns leitores, no entanto, preferem se

² Sobre esse assunto, ver Costa (1991, p. 179, 183, 212, 221, 224), analisando a geografia política no Brasil; (p. 245, 246, 249), no caso da Europa.

³ Wanderley M. Costa usa o termo “geopolítica crítica” para designar a produção de Yves Lacoste. (COSTA 1991, p. 249). Quanto à geopolítica crítica anglófona, seus principais trabalhos só foram publicados em livro em meados dos anos 1990 (Ó TUATHAIL 1996; Ó TUATHAIL; DALBY 1998), mesmo assim ainda hoje sem tradução para o português.

prender a um enfoque de separação entre geografia política e geopolítica. Interessante notar que o livro abre espaço para as duas perspectivas.

Em 2012, Wanderley M. da Costa retoma o balanço sobre a geopolítica brasileira num artigo publicado com Hervé Théry. A comparação entre o livro de 1991 e o artigo de 2012 permite identificar uma mudança de concepção a respeito da herança da geopolítica brasileira. Costa e Théry classificam os autores que escrevem sobre a geopolítica na década de 1980 como a “nova geopolítica brasileira que é progressivamente civilizada” (COSTA; THÉRY 2012, p.253), isto é, sai das mãos dos militares para as de autores civis, num contexto de redemocratização em que “aparecem nas universidades os primeiros grupos de intelectuais que se consagram ao estudo da geopolítica como um pensamento explicitamente civil, não autoritário e relativamente autônomo do Estado”. Os exemplos citados são Miyamoto (1981), Becker (1982), Vesentini (1986), Mello (1987) e Costa (1988), com destaque ao artigo de Bertha Becker intitulado *A geografia e o resgate da geopolítica*, de 1988⁴, que “reconcilia a geopolítica com as práticas da geografia humana contemporânea e as ciências políticas” (COSTA; THÉRY 2012, pp. 257-258). Ou seja, embora num primeiro momento a defesa da geopolítica feita por Bertha Becker tenha ficado em segundo plano frente às abordagens críticas mais apropriadas ao contexto da redemocratização, no longo prazo foi essa posição que se mostrou mais consistente para equacionar o papel da geopolítica na geografia brasileira, como reconhecem Costa e They (2012).

As diferenças de enfoque entre os dois momentos são sintomáticas. A distância temporal da geopolítica marcadamente militar do período ditatorial torna a adoção do termo geopolítica mais palatável nas duas últimas décadas do que nos anos 1980. Nesse movimento de reafirmação da geopolítica é interessante notar que a influência francesa ainda possui grande relevância. As

referências buscadas para situar as mudanças de enfoque na geopolítica brasileira se resumem a Yves Lacoste (1976), Beatrice Giblin (1986) e Claude Raffestin (1980). Nenhuma referência é feita à discussão sobre a geopolítica crítica anglófona, que já se encontra consolidada e difundida além de suas fronteiras em 2012, diferentemente do livro de 1991. Essa ausência se justifica pelo próprio caminho traçado pela geopolítica e pela geografia política brasileira desde os anos 1980 que, salvo raras exceções, passaram ao largo da discussão trazida pelos anglo-saxões, o que seria mais um “ponto cego” na trajetória disciplinar da geopolítica e da geografia política no Brasil.

A contribuição de Bertha Becker para o recente debate em torno da geopolítica no Brasil é um tópico à parte. Em 1982, no Brasil, a geógrafa Bertha Becker publicava *Geopolítica da Amazônia: a nova fronteira de recursos*, numa abordagem geográfica que se diferenciava da geopolítica doutrinária dos âmbitos militares. É interessante destacar a opção de Bertha Becker por usar o termo geopolítica, embora a justificativa mais explícita sobre sua posição sobre o “resgate da geopolítica” só aparecesse em 1988. Bertha Becker (1988) defende uma aproximação entre Geografia e Geopolítica, através do “rompimento da barreira entre a Geografia e a Geopolítica numa perspectiva crítica” (1988, p.99). As transformações do espaço brasileiro em duas décadas de ditadura militar haviam ocorrido numa situação de “fechamento da informação pelo governo autoritário”, implicando na impossibilidade de apropriação, pela sociedade, do conhecimento sobre esse processo e resultando na perda de um “saber estratégico” que habilitaria uma “gestão democrática do território” (p. 99). Para B. Becker, “repensar a Geografia” exigia o “desvendar da Geopolítica” (BECKER 1988, p. 100)⁵, de modo que transitar entre geografia

⁴ Segundo Karol (2013, p. 191), “A geografia e o resgate da geopolítica” foi o artigo mais citado de Bertha Becker por trabalhos de geografia política entre 1982 e 2012.

⁵ “Negar, portanto, a prática estratégica, seja a das origens da disciplina, seja a teorizada por Ratzel, seja a da Geopolítica explícita do Estado Maior ou a implícita na prática dos geógrafos, é negar a própria Geografia, que foi assim prejudicada no seu desenvolvimento teórico e na sua função social. *E repensar a Geografia envolve necessariamente o desvendar da Geopolítica*, sua avaliação crítica e seu resgate e o trazer desse conhecimento para debate na sociedade. Em outras palavras, nesse campo de

e geopolítica era necessário inclusive para aprofundar os conhecimentos no âmbito da geografia.

Aqui também temos diferentes leituras e releituras do artigo de Becker (1988) sobre o resgate da geopolítica. Se num primeiro momento ele parece um pouco fora de tempo, pois é publicado quando o sentimento da época seria o de negação da geopolítica, num espectro de tempo mais amplo ele é reverenciado e ganha interpretações variadas, como se pôde notar na leitura de Wanderley M. da Costa (1991) e Costa e Thery (2012). Numa visão diferente, e bastante inusitada, encontramos a interpretação de Ivaldo Lima, que identifica na relação entre os movimento sociais e a nova geopolítica, citada por Bertha Becker (1988) a chave para qualificá-la como intérprete de uma realidade antigeopolítica (LIMA, 2013, p.156), afirmando que “Bertha Becker identifica e analisa a tendência antigeopolítica, mas não a rotula”. A pretexto de exaltar a originalidade do trabalho de Bertha Becker, o texto de Lima - cujo título “A geografia e o resgate da antigeopolítica” é uma paródia do artigo de Becker - opta por utilizá-la como precursora de uma visão antigeopolítica, o que, no caso da autora em questão, soa um tanto quanto inverossímil.

Ao final desse artigo, deixamos um débito em relação ao campo da geografia política no Brasil. Tomando como exemplo as análises de Rosière (2007) e Sanguin (2016), os aspectos mais relevantes no caso brasileiro seriam o impacto da renovação teórica da geografia – aqui situada na década de 1980 – e a confusão – ou confluência – com a geopolítica. A influência anglo-saxônica no âmbito da geografia política é ainda muito baixa. E o interesse pela geopolítica mundial não é tão acentuado quanto no caso francês. Então qual foi a leitura histórica das inflexões e dos dilemas da geografia política no Brasil, se pensadas de forma separada da geopolítica? Algumas importantes contribuições podem ser aqui revisitadas, como a de Wanderley M. da Costa (1990), Iná Elias de Castro (2005) e Eduardo Karol (2013).

Wanderley M. da Costa afirma categoricamente: “[não] há como avaliar uma “geografia política brasileira”. E isto pela simples razão de que esse ramo da geografia, tal como desenvolvido em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, não logrou ainda firmar-se no país” (1990, p.177). A afirmação feita em 1990 reconhecia o desenvolvimento de temas clássicos da geografia política entre os geógrafos brasileiros, mas sem que essas abordagens configurassem um campo específico. Em sua narrativa, Costa observa que até então a preferência dos que se dedicaram ao estudo das relações entre política e território foi no âmbito de uma geopolítica tradicional, e não da geografia política. Somente Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro teriam conseguido transitar entre um campo ao outro. Em nota de rodapé, Costa acrescenta ainda os trabalhos de Josué de Castro, Manuel Correia de Andrade e Pasquale Petrone como exceções ao enfoque geopolítico tradicional (1990, p.181). Já no final dos anos 1980, Costa identificava algumas iniciativas para a superação desse quadro de marginalização da geografia política, com a atuação de pesquisadores da UFRJ, UFPE e USP (1990, p. 178).

Uma segunda contribuição é trazida por Iná Elias de Castro num livro bem mais recente (2005), que busca contemplar os temas básicos da disciplina e “reintroduzir a política na geografia, incorporando à sua agenda temas e conceitos da própria política” (p.12). Desta forma, em nenhum momento o livro se propõe a fazer um balanço sobre a geografia política brasileira. No entanto, podemos extrair uma preocupação em situar sua própria obra dentro de um contexto epistemológico e disciplinar a partir do qual a autora justifica sua abordagem. Iná E. de Castro (2005, p. 30) constata que “a evidência da importância da política – institucionalizada ou não – nos processos de organização dos territórios tem sido contraditória com o pouco prestígio da geografia política” em relação a outras subdisciplinas. Para responder a essa contradição, a autora destaca dois momentos importantes que marcaram uma desconfiança em relação à geografia política: a crítica à geopolítica durante

preocupações, à Geografia caberia a teorização sobre a prática estratégica desenvolvida pela Geopolítica” (BECKER 1988, p. 100).

e após a II Guerra Mundial e a incorporação do “paradigma marxista” à geografia, que privilegiou “a economia política em detrimento da política”, após a década de 1970 (CASTRO, 2005, p.31). Como Castro não situa suas observações no caso específico da geografia brasileira, sua aplicação ao ambiente acadêmico nacional se torna um mero exercício especulativo. Mas podemos arriscar que esse diagnóstico geral, se aplicado ao caso brasileiro, colocaria como principais fatores que contribuíram para o esvaziamento do interesse no campo da geografia política: o descrédito da geopolítica, a crítica aos limites da agenda estatal e o advento da “geografia crítica” nos anos 1980.

Num caminho diferente, Eduardo Karol mapeia a produção bibliográfica brasileira do que ele chama de campo da “geografia política-geopolítica” entre 1982 e 2012, tomando como referência central a figura de Bertha Becker. É um levantamento exaustivo que traz uma série de conclusões sobre as tendências contemporâneas nesse campo, dentre as quais destaco as seguintes formulações. Em primeiro lugar, os anos 1980 aparecem como uma década de retomada do interesse pela geografia política, em relação aos anos 1970, que apresenta uma produção muito escassa. Em segundo lugar, Karol dá destaque para o envolvimento direto dos geógrafos políticos com as políticas públicas estatais, tais como zoneamentos, planos e programas governamentais que contaram com relevante contribuição de geógrafos. De um modo geral, o autor identifica que apesar da busca de renovação em relação à geopolítica dos anos 1930, o Estado permaneceu como ator privilegiado na produção dos geógrafos políticos brasileiros (KAROL, 2013, p.214).

Por se tratar de um período ainda muito próximo do presente, o balanço sobre a geografia política pós-anos 1980 se confunde com a própria configuração atual do campo, as ideias e posições se encontram ainda em movimento e qualquer tentativa de consolidar um balanço do período atual acabe sendo parte do próprio movimento. Mas se nem o passado está parado, como podemos ver em tantas reinterpretações, esquecimentos e resgates, o melhor mesmo é assumir o risco -

em relação tanto ao passado remoto quanto ao período mais recente.

Conclusão

As curvas identificam de forma clara os principais movimentos da geopolítica no século XX nessas quatro línguas: antes da II Guerra Mundial, a *Geopolitik* alemã dos anos 1920/30, a *geopolitics* (e sua denúncia) norte-americana dos anos 1940, a *geopolítica* espanhola dos anos 1940/50; depois de 1945, a onda temporã sul-americana dos anos 1970 e as diferentes ondas de retomada tanto crítica quanto conservadora, com a *géopolitique* francesa quanto a *geopolitics* anglófona a partir dos anos 1970. As curvas da geografia política são mais estáveis, menos dadas a altos-e-baixos e deixam claro que se circunscrevem ao âmbito acadêmico, diferentemente da geopolítica.

Essa dissociação temporal entre as diferentes geopolíticas resulta num efeito revelador, pois ajuda a entender como a interdição de certos termos e conceitos atua na evolução das ideias. Em diferentes contextos temporais e espaciais, a circulação das ideias ocasiona reações e assimilações que se inserem nos debates próprios aos ambientes em que são recebidas, apropriadas e modificadas.

Quanto à geopolítica brasileira, podemos afirmar que ela surge de uma influência cruzada alemã e francesa, agrega uma influência americana após a II Guerra Mundial, mas segue uma trajetória bastante similar à geopolítica em língua castelhana - embora muito pouco por ela influenciada. A geopolítica brasileira encerra o século XX com uma relativamente baixa influência da *geopolitics* anglófona contemporânea, uma remota e renegada presença da *Geopolitik* alemã em suas origens, uma afinidade fraternal duradoura com os franceses - do passado e do presente - e um ainda baixo, porém crescente interesse pela produção em castelhano.

Sobre a relação entre geografia política e a geopolítica, nos anos 1930 e 1940 andaram bem próximas, tendo assumido rumos diferentes no período de hegemonia do pensamento militar na geopolítica, e foram mesmo explicitamente

divergentes na década de 1980. Nas duas últimas décadas (1990 e 2000) podemos observar uma aproximação entre os dois campos e uma perda de importância na demarcação, ensaiada nos anos 1980, que opunha geografia política e geopolítica como disciplinas estritamente separadas.

Bibliografia

- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geopolítica do Brasil*. São Paulo: Ática, 1989
- BECKER, Bertha K. A geografia e o resgate da geopolítica. *Revista Brasileira de Geografia*. 50, número especial t. 2, 1988
- BECKER, Bertha K. *Geopolítica da Amazônia: a nova fronteira de recursos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982
- BOWMAN, Isaiah. Geography vs. Geopolitics. *Geographical Review*, 32 (4), 1942
- CASTRO, Iná Elias de. *Geografia e política: território, escalas de ação e instituições*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005
- COSTA, Wanderley Messias da. ; THÉRY, Hervé. Quatre-vingts ans de géopolitique au Brésil : de la géographie militaire à une pensée stratégique nationale. *Hérodote* 2012/3, n° 146-147
- COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia política e geopolítica*. São Paulo: Edusp, 2008 [1991]
- COUTO E SILVA, Golbery do. Aspectos geopolíticos do Brasil [1952]. Em: G. do Couto e Silva. *Conjuntura política nacional: o Poder Executivo e Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981 [1952]
- DEMANGEON, Albert. Géographie politique. *Annales de Géographie*, t. 41, n°229.1932
- FONT, Joan Nogué; RUFÍ, Joan Vicente. *Geopolítica, identidade e globalização*. São Paulo: Annablume, 2006
- HEPPLE, Leslie. The revival of geopolitics. *Political Geography Quarterly*, Supplement to Vol. 5, n. 4, 1986
- KAROL, Eduardo. *Geografia política e geopolítica no Brasil (1982-2012)*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2013
- KELLY, Phillip. *Checkerboards and shatterbelts: the geopolitics of South America*. Austin: University of Texas Press, 1997
- KORINMAN, Michael. *Quand l'Allemagne pensait le monde: grandeur et décadence d'une géopolitique*. Paris: Fayard, 1990
- LACOSTE, Yves. *A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1988 [1976]
- LACOSTE, Yves. La géographie, la géopolitique et le raisonnement géographique. *Hérodote* 2008/3 n° 130, p. 17-42
- LIMA, Ivaldo Gonçalves de. *A geografia e o resgate da antigeopolítica*. *Espaço Aberto*, 2013
- LINERA, Álvaro García. *Geopolítica de la Amazonía: poder hacendal-patrimonial y acumulación capitalista*. La Paz: Vice Presidencia del Estado Plurinacional de Bolívia, 2013
- LIVINGSTONE, David. *Putting science in its place: geographies of scientific knowledge*. Chicago: University of Chicago Press, 2003
- LOROT, Pascal. *Histoire de géopolitique*. Paris: Economica, 1995
- MACHADO, Lia Osório, As idéias no lugar, *Terra Brasilis* [Online], 2, 2000. Disponível em <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/298>> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.298
- MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. *Geopolítica: introdução ao estudo* (Leitura selecionada). Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, 2002
- MEGORAN, Nick. Neoclassical geopolitics. *Political Geography*, 29, 2010
- MEIRA MATTOS, Carlos de. *Brasil: geopolítica e destino*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1975
- MEIRA MATTOS, Carlos de. *Geopolítica e teoria de fronteiras - Fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1990
- MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005
- MIYAMOTO, Shiguenoli. Os estudos geopolíticos no Brasil: uma contribuição para sua avaliação. *Perspectivas*, 4, 1981
- MIYAMOTO, Shiguenoli. *Geopolítica e poder no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1995
- NOVAES, André Reyes. A Geopolítica pelas Imagens », *Terra Brasilis (Nova Série)*, 6, 2015, Disponível em <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1722>> DOI : 10.4000/terrabrasilis.1722
- Ó TUATHAIL, Geraóid; DALBY, Simon. *Rethinking geopolitics*. London: Routledge, 1998
- Ó TUATHAIL, Geraóid. *Critical geopolitics: the politics of writing global space*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996
- PEREIRA, Sérgio Nunes. Estados, nações e colonialismo: traços da geografia política vidaliana. In: R. Haesbaert et al. (org.) *Vidal, Vidais: textos de geografia humana, regional e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012
- RAFFESTIN, Claude; LOPRENO, Dario; PASTEUR, Alain. *Géopolitique et histoire*. Paris: Edition Payot Lausanne, 1995
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993
- RATZEL, Friedrich. *Géographie Politique*. Paris: Ed. Economica, 1988
- REGO MONTEIRO, Licio Caetano do. Linhas cruzadas no resgate da geopolítica pós-anos 1970. *Revista Geonorte*, Edição Especial 3, v. 7, 2013
- REGO MONTEIRO, Licio Caetano do. *Segurança na América do Sul: a construção regional e a experiência colombiana*. Tese de Doutorado, PPGG/UFRJ, 2014
- ROSIÈRE, Stéphane « Dix ans de L'Espace politique. Géographie politique et géopolitique en

**Linhas cruzadas:
a geografia política e a geopolítica no século XX no Google Ngram Viewer e o debate no Brasil**

- question », *L'Espace Politique* [En ligne], 32 | 2017-2 Disponível em: <<http://journals.openedition.org/espacepolitique/4327>>
- ROSIÈRE, Stéphane. « Comprendre l'espace politique », *L'Espace Politique* [En ligne], 1 | 2007-1, Disponível em <<http://journals.openedition.org/espacepolitique/223>>
- SANGUIN, André-Louis. A evolução da Geografia Política desde os anos 1990: uma perspectiva internacional. In: A. C. P. Silva (org). *Geografia política, geopolítica e gestão do território*. Rio de Janeiro: Gramma, 2016
- SANGUIN, André-Louis. Vidal de la Blache et la géographie politique. *Bulletin de l'Association de géographes français*, 65e année, 1988-4 (septembre). pp. 321-331, 198
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à geografia*. Petrópolis: Vozes, 1976
- SPYKMAN, Nicholas. *Estados Unidos frente al mundo*. México: FCE, 1944 [1942]
- TURGOT, Jacques. *Géographie Politique*. Oeuvres de Turgot, tome second, 1750
- VALLAUX, Camille. *Geografía social: el solo y el Estado*. Madrid: Daniel Jorro Ed., 1914 [1911]
- VLACH, Vânia. Estudo preliminar acerca dos geopolíticos militares brasileiros, *Terra Brasilis* [Online], 4 - 5, 2003 Disponível em <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/359>> DOI : 10.4000/terrabrasilis.359
- ZUSMAN, Perla; PEREIRA, Sergio Nunes. Entre a Ciência e a Política, *Terra Brasilis*, 1, 2000. Disponível em <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/288>> DOI : 10.4000/terrabrasilis.288

Licio Caetano do Rego Monteiro

Professor adjunto do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense - Campus Angra dos Reis. Doutor em Geografia pela UFRJ, pesquisador do Grupo Retis/UFRJ e do Grupo de Estudos da Baía da Ilha Grande (GEBIG/UFF).

E-mail: licioaetano@gmail.com